

tiff. toronto
international
film festival
SELECÇÃO OFICIAL

Festival de Locarno
Seleção Oficial

ABELHAS E HOMENS

MORE THAN HONEY

E SE AS ABELHAS DESAPARECESSEM? ...

UM FILME DE MARKUS IMHOOF



«Se as abelhas desaparecerem da face da Terra, a humanidade terá apenas mais quatro anos de existência.» (Albert Einstein)

SINOPSE CURTA

De há três anos a esta parte as abelhas andam a morrer em todo o mundo. Embora as causas ainda continuem a ser um mistério, uma coisa é clara: está em causa algo mais do que a simples morte de uns quantos insectos e bem mais do que apenas uma questão de mel.

SINOPSE LONGA

De há três anos a esta parte as abelhas andam a morrer em todo o mundo. Embora as causas ainda continuem a ser um mistério, uma coisa é clara: está em causa algo mais do que a simples morte de uns quantos insectos e bem mais do que apenas uma questão de mel.

Em busca de respostas, o filme embarca numa viagem para encontrar as pessoas cujas vidas dependem das abelhas: de um apicultor suíço que vive nos Alpes até aos gigantescos pomares de amendoeiras na Califórnia, passando por um investigador do cérebro das abelhas em Berlim, uma comerciante de pólen na China e as abelhas assassinas do deserto do Arizona.

Todos referem o desaparecimento das abelhas. O filme fala-nos das suas vidas. E das nossas.



APRESENTAÇÃO

Numerosas colónias de abelhas têm vindo a ser dizimadas em todo o mundo nos últimos 15 anos. As causas deste desastre ainda não foram estabelecidas. Entre 50% a 90% das abelhas desapareceram, dependendo das regiões do mundo.

Esta epidemia, de amplitude e violência colossais, está a alastrar de colmeia em colmeia por todo o planeta. Em todo o lado se repete o mesmo cenário: milhares de milhões de abelhas deixam as suas colmeias para nunca mais voltar.

Nenhum cadáver de abelha é encontrado nos terrenos circundantes. Nem predadores visíveis. Em poucos meses, as abelhas têm vindo literalmente a desaparecer nos EUA, onde, segundo os últimos cálculos, desapareceram 1,5 milhões de colmeias (de um total de 2,4 milhões) em 27 estados. Na Alemanha, de acordo com a associação nacional de apicultores, um quarto das colónias foram dizimadas, com perdas que chegam a 80% em algumas quintas. O mesmo fenómeno foi observado na Suíça, França, Itália, Portugal, Grécia, Áustria, Polónia e Inglaterra, onde a síndrome foi baptizada como “fenómeno Mary Celeste”, a partir do nome do navio cuja tripulação desapareceu em 1872.

Os cientistas encontraram um nome para o fenómeno que está de acordo com a sua dimensão: “desordem do colapso das colónias”.

E têm razão em estar preocupados: 80% das espécies de plantas precisam das abelhas para serem polinizadas. Sem elas, não há polinização, logo, não há frutas, nem vegetais. Três quartos das culturas que alimentam a humanidade dependem delas. A *Apis mellifera* (abelha europeia) surgiu na Terra 60 milhões de anos antes do homem e é indispensável à sua economia e à sua sobrevivência. Devemos culpar os pesticidas e os medicamentos usados para combater os seus efeitos? Parasitas como a varroa? Vírus novos? O stress das viagens? A multiplicação das ondas electromagnéticas que perturbam as nano-partículas no abdómen das abelhas? Ao que parece, é a conjugação de todos estes agentes que está a destruir as defesas imunitárias das abelhas.



NOTA DO REALIZADOR

A minha intenção é ajudar o espectador a perceber o drama em causa através de imagens extremamente sensoriais e, além das histórias reais das abelhas “minúsculas”, realçar um contexto muito mais vasto: a pressão causada pelo crescimento constante da pirâmide da economia global, na base da qual estão – é preciso não esquecer – os insectos.

Esta é a razão principal porque me preocupei tanto em dar visibilidade às abelhas e ajudar os espectadores a conhecê-las melhor. A carapaça e os olhos imensos e peludos das abelhas fazem com que se assemelhem a criaturas fascinantes vindas de outro planeta e que, no ecrã, pareçam tão grandes quanto os homens – na maior parte do tempo, até mesmo maiores.

Na luta das abelhas contra a economia de mercado neoliberal, há um momento em que um negociante de abelhas pressiona os apicultores e estes pressionam as suas abelhas a aumentar ainda mais o seu desempenho. As abelhas tornaram-se trabalhadores escravizados, uma máquina a quem basta apertar um botão para pôr a funcionar. Correndo o risco de soar presunçoso, posso até dizer que este filme é um pouco como o TEMPOS MODERNOS do Chaplin contado pelas abelhas.

MARKUS IMHOOF - Realizador



PERSONAGENS PRINCIPAIS

O meu projecto não era o de fazer um filme global que se movesse a toda a velocidade de um lado para outro, ao invés queria usar o tempo para conhecer e entender os diferentes protagonistas, na sua generalidade, apicultores, que contactámos num misto de ternura e raiva.

Todos eles expressaram as suas opiniões. Mesmo quando inspiravam ou sugeriam uma série de temas mais vastos, procurámos essencialmente conhecê-los melhor como seres humanos.

Observámos o seu trabalho diário, levámos muito a sério a sua angústia existencial e sofremos com eles quando mais uma colónia desaparecia ou tinha de ser destruída. Por seu lado, mostraram-nos como encaram o seu paradoxo quotidiano que consiste em trabalhar ao ritmo da natureza e contra ele.

MARKUS IMHOOF – Realizador

FRED JAGGI

Fred Jaggi é um habitual fornecedor de grandes lojas. Trata-se, segundo ele, de um ingrediente na sua receita de sucesso. Isto implica que mantém apenas uma “espécie de abelhas pretas”, conhecidas tanto por enxamearem muito como por produzirem muito mel. “O lugar delas é aqui, nas montanhas, e assim tem de ser.” A sua grande fonte de irritação são as abelhas amarelas (pertencentes a um apicultor de um vale próximo) que, por vezes, costumam vagar até ao sítio onde mora.



JOHN MILLER

As enormes máquinas movimentam-se como grandes insectos robôs entre as filas de árvores plantadas com uma distância de precisão milimétrica e abanam as amendoeiras para fazer cair as amêndoas. John Miller está na extremidade do pomar a observar a colheita. Os “recolhedores” sugam as amêndoas do chão e os trabalhadores sazonais fazem a selecção na correia transportadora. Miller está satisfeito.

“Estas amendoeiras foram polinizadas por abelhas que vieram da Austrália, as amêndoas cresceram nos EUA e agora vão ser enviadas para Espanha onde serão descascadas e torradas. A seguir, serão metidas num avião para o Japão, para serem usadas na preparação de uma sobremesa tradicional. São precisos quatro continentes para fazer um bolo. Uma actuação colectiva gigante, se quiser.” Seja como for, nem com toda a capacidade do mundo para se menosprezar é capaz de enganar alguém: John Miller tem dúvidas. Ele é uma das rodas de um mecanismo que gera milhares de milhões de dólares de receitas, mas é óbvio que este crescimento sem limites não pode ser mantido indefinidamente.

HEIDRUN E LIANE SINGER

A família de Heidrun cria abelhas há três gerações e a filha já está a aprender os segredos do ofício. Heidrun usa lentes de aumento e, munida de uma colher minúscula, tira a jovem larva de um alvéolo. “Estamos a dar um pequeno empurrão à natureza”, diz a rir. Podemos enganar as abelhas e ‘reprogramá-las’, como fazem os hackers! Estas larvas estavam destinadas a ser meras operárias, mas assim que são colocadas artificialmente numa realeira, as operárias começam a alimentá-las com geleia real, transformando-as, dessa forma, em rainhas!” “A minha espécie de abelhas resulta de séculos de reprodução rigorosa: não são agressivas e produzem muito mel. Fazendo com que as minhas rainhas sejam muito procuradas em todo o mundo.”



PROFESSOR RANDOLF MENZEL

Neurobiólogo da Universidade Livre de Berlim, o professor Menzel é o “murmurador de abelhas”. “Uma abelha não consegue sobreviver sozinha. É por isso que falamos em ‘super-organismo.’” Quer isto dizer que a colónia de abelhas é considerada como um único e grande animal, cujas operárias constituem o ‘corpo’, enquanto o zangão e a rainha são os ‘órgãos sexuais’ masculino e feminino. A colónia consiste em cerca de 50 mil abelhas e cada uma delas tem 950 mil células nervosas. Quando interligadas habilidosamente, colocam à disposição das abelhas um poder de cálculo de quase 500 mil milhões de células nervosas! Um cérebro humano tem apenas 100 mil milhões... Quanto mais o professor Menzel nos mostra as profundezas do organismo extraordinário que o enxame constitui, mais remota e irreal nos parece a vida humana.

ZANG ZHAO SU

Na sua terra, no norte da China, Zhang Zao distribui pequenas porções de pólen por pacotes pequenos com uma maçã vermelha impressa e a seguir vende-os aos camponeses por 5 yuans cada. Milhares de pessoas estão empoleiradas nas árvores, polinizando as flores com cotonetes ou paus de bambu com penas de galinha na ponta. O pólen está em pequenos frascos que os trabalhadores trazem pendurados ao pescoço. Entre eles há muitas mulheres jovens – são leves e podem subir aos ramos mais jovens das árvores sem os danificar. Os trabalhadores, concentrados e eficientes, levam a cabo o seu trabalho, uma flor de cada vez. Mas o tempo esgota-se, as macieiras só florescem durante quatro ou cinco dias e anunciaram chuva.

FRED TERRY

No Arizona, Fred Terry coloca numa estrutura aparte as abelhas assassinas que acabou de apanhar num telhado. Mas em vez de as matar, dá-lhes água com açúcar. As abelhas bebem avidamente. “Não são dóceis como as abelhas domésticas ‘normais’; estas são lobos. É por isso que não adoecem. Também são ótimas produtoras de mel. Só é preciso não as provocar...”



REVISTA DE IMPRENSA

Markus Imhoof usa os últimos avanços do cinema para iluminar a crise do mundo das abelhas no documentário elegantemente filmado ABELHAS E HOMENS. A desordem do colapso da colónia dizimou a população de abelhas, com os cientistas ainda indecisos sobre a natureza exacta do fenómeno mortal. Imhoof, que tem uma história familiar ligada à apicultura, viajou por três continentes, entrevistando apicultores, analisando tanto a natureza da calamidade como uma possível solução.

VARIETY

Um documentário profundamente humanista, que preenche com honestidade e inteligência a sua proposta pedagógica [...].

LE MONDE – Jacques Mandelbaum

Longe de ser um documentário de investigação, o filme permite, graças a uma narração intimista, embora não demasiada, [...] ingénua mas não idiota, compreender melhor a relação particular que o homem estabeleceu com um dos mais espectaculares insectos sociais.

LIBÉRATION – Laure Noualhat

Suíça, Alemanha, Áustria | 2012 | DCP/35mm | Cor | 88 min.

Distribuído por Alambique | Mais informações em www.alambique.pt

